http://dx.doi.org/10.22420/rde.v19i43.2045

A corrida de rua no contexto escolar:
objetivos, estratégias e procedimentos para uma construção coletiva

Street running in the school context:
objectives, strategies and procedures for collective construction

Carreras callejeras en el contexto escolar:
objetivos, estrategias y procedimientos para la construcción colectiva

JOCICLEIDE DE SOUSA FREITAS[*]
Secretaria de Educação do Estado do Ceará, Maranguape – CE, Brasil.

TADEU JOÃO RIBEIRO BAPTISTA[**]
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal – RN, Brasil.

RESUMO: Este estudo se centra na corrida de rua como conteúdo escolar das aulas de Educação Física, apresentando e discutindo a construção coletiva de um evento de corrida de rua da escola, bem como sugerir possíveis intervenções para compreensão desse fenômeno sociocultural. Socializa-se o produto cultural (cartilha) produzido nessa experiência pedagógica com docentes que desejarem fazer corrida de rua nos espaços onde atuam. A metodologia é quanti-qualitativa e contou com 38 discentes matriculados/as na disciplina eletiva de atletismo, ofertada em escola pública para alunos/as de 1º e 2º anos do Ensino Médio. A estratégia possibilitou o engajamento e a participação estudantil ativa no evento, avaliado pelos/as estudantes como relevante para a compreensão da corrida de rua como prática corporal democrática e envolta em múltiplas dimensões.

[*] Professora de Educação Física na Secretaria de Educação do Estado do Ceará e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. *E-mail*: <jocicleide.freitas.041@gmail.com>.

[**] Doutor em Educação e Professor Associado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. *E-mail*: <tadeujrbaptista@yahoo.com.br>.

Palavras-chave: Ensino desenvolvimental. Educação Física escolar. Corrida de rua.

ABSTRACT: This study focuses on street running as a content in physical education classes. It presents and discusses the collective construction of a school street running event, as well as it suggests possible interventions to understand this sociocultural phenomenon. The cultural product (a pamphlet) produced in this pedagogical experience is available for teachers who want to have street running in the spaces where they work. The methodology is quantitative and qualitative, it included 38 students enrolled in the elective subject of athletics, offered in a public school for students in the 1st and 2nd years of High School. The strategy fostered student engagement and active participation in the event, which students considered relevant to the understanding of street running as a democratic bodily practice with multiple dimensions.

Keywords: Developmental teaching. School physical education. Street running.

RESUMEN: Este estudio se centra en las carreras callejeras como contenido escolar en las clases de Educación Física, presentando y discutiendo la construcción colectiva de una prueba de carrera callejera escolar, además de sugerir posibles intervenciones para comprender este fenómeno sociocultural. El producto cultural (cuadernillo) elaborado en esta experiencia pedagógica es compartido con docentes que desean realizar carreras callejeras en los espacios donde trabajan. La metodología es cuantitativa y cualitativa e incluyó 38 estudiantes matriculados/as en la asignatura electiva de atletismo, impartida en una escuela pública para estudiantes de 1º y 2º año de Secundaria. La estrategia permitió la participación de los/as estudiantes en el evento, que ellos/as consideraron relevante para comprender la carrera callejera como una práctica corporal democrática que abarca múltiples dimensiones.

Palabras clave: Enseñanza que desarrolla. Educación Física escolar. Carreras callejeras.

Introdução

A escola é um espaço de formação humana integral e de acesso ao saber elaborado (ciência), ou seja, a socialização do conhecimento historicamente produzido pela humanidade (SAVIANI, 2011), e por isso, parece-nos pertinente discutir a corrida de rua no âmbito escolar. Essa modalidade esportiva tem crescido recentemente, configurando-se como um fenômeno social com intervenções direcionadas à coletividade, como a formação de vínculos e grupos pela experiência dessa modalidade e de interação social (LUCCA, 2014).

A metodologia de trabalho empregada na corrida de rua pode cooperar na alteração das condições humanas, desse modo, destacamos neste texto o ensino desenvolvimental, com o alcance de objetivos educacionais importantes, como a formação omnilateral, estímulo à criticidade e à criatividade discente, a pesquisa no cerne da atividade pedagógica e o protagonismo juvenil com vistas à formação humana consciente e emancipada (DEMO, 2006).

Recorrentemente, o conteúdo esportivo abordado nas aulas da educação física escolar passa pelo processo de aprendizagem, que pode ser apresentada e consolidada pelos conhecimentos das atividades corporais. De maneira geral, o/a aluno/a ainda não o percebe como prática social que se articula com sua realidade e não compreende que ele/ela deve ter um papel para além de um mero/a espectador/a, ou seja, o/a discente precisa se reconhecer como agente nesse processo, como alguém que tem o poder de transformar essas práticas.

Diante disso, este artigo visa apresentar e discutir os procedimentos de planejamento, realização e avaliação de um evento de corrida de rua, promovido em uma escola pública de Ensino Médio enquanto ponto culminante da disciplina eletiva de atletismo. O evento foi pensado, planejado, organizado e concretizado pelos/as discentes da disciplina e congregou a comunidade interna e externa da instituição.

Fundamentação teórica

A fundamentação teórica constitui-se: a) pela discussão em torno da educação física escolar no Ensino Médio a partir da compreensão do ensino desenvolvimental e; b) pela demonstração de como foi tematizada a corrida de rua nas aulas da disciplina.

A educação física escolar à luz do ensino desenvolvimental

O atual Ensino Médio brasileiro tem sido objeto de intensas disputas, pois as recentes políticas educacionais têm se alinhado à formação humana de natureza neoliberal, ou seja, repetem um modo de produção excludente, dual e de lógica empresarial inserida

na escola. Cláudia Pereira (2019) destaca que essa formação dual e excludente perpassa historicamente a educação brasileira, na qual a classe trabalhadora tem uma formação para exercer o trabalho mecanizado e a classe burguesa é dotada de conhecimentos e saberes mais completos.

A Medida Provisória n. 746/2017, promulgada de maneira arbitrária pelo governo antidemocrático de Michel Temer, e posteriormente convertida na Lei 13.415/2017, modificou substancialmente a forma e o conteúdo do chamado novo Ensino Médio brasileiro – NEM, reestruturando tal etapa da Educação Básica e privilegiando a inserção dos denominados intinerários formativos (SILVA & ARAÚJO, 2021). O que vimos foi o desmonte desta etapa da Educação Básica e o esvaziamento de conteúdos dos componentes curriculares clássicos para dar espaço a disciplinas eletivas que não se alinhavam à formação de sujeitos/as críticos/as, reflexivos/as, emancipados/as, mas sim, de indivíduos/as com racionalidade e subjetividade neoliberais, como bem elucidam Pierre Dardot e Christian Laval (2016).

Em nosso entendimento, essa produção de subjetividades pautada na lógica neoliberal é nefasta e impregna nas juventudes ideais meritocráticos, de 'empreendededor/a de si mesmo/a' e da responsabilização/culpabilização total do/da indivíduo/a pelo seu sucesso ou fracasso, sem considerar as contradições do modo de produção capitalista e as determinações sociais, culturais e econômicas em que essas juventudes se inserem. Os impactos e retrocessos advindos dessas politicas neoliberais são bem discutidas por Mônica Silva e Ronaldo Araújo (2021), Maria Ciavatta (2018), entre outros/as.

Nesse contexto, a Educação Física e os objetos da cultura corporal tematizados por ela não devem ficar à margem dos debates, posto que estão inseridos e são afetados diretamente por essas políticas. É preciso que, ao trabalhar com as diferentes práticas corporais, o/a docente esteja atento/a e ciente dos objetivos que pretende alcançar, os quais estão aqui direcionados à formação do/da sujeito/a crítico/a, reflexivo/a e que pode usufruir das práticas corporais com autonomia, visando à emancipação humana (ADORNO, 2000). Assim, a disciplina eletiva de atletismo atuou para dirimir o impacto promovido pelo rearranjo curricular do NEM, garantir o acesso ao saber elaborado sobre o atletismo e, especificamente, a corrida de rua, em uma perspectiva crítica, participativa e inclusiva, tendo por matriz metodológica o ensino desenvolvimental.

A teoria do ensino desenvolvimental é contra-hegemônica, e tematizar conteúdos clássicos da Educação Física com base nos seus princípios norteadores é, essencialmente, fazer frente à conjuntura atual e trazer possibilidades de apropriação e usufruto da prática corporal, considerando contradições, possibilidades e potencialidades. O ensino desenvolvimental surgiu na ex-União Soviética, no final dos anos 1950, associada a pedagogia, filosofia, fisiologia e, em especial, à psicologia histórico-cultural de Lev Semionovitch Vygotsky, gestada a partir das diferentes tendências que geraram duas grandes concepções de aprendizagem: a didática desenvolvimental da atividade e

a didática desenvolvimental da subjetividade (PUENTES, 2019). Tem raízes no contexto do projeto de formação do 'novo homem' na sociedade socialista soviética, onde, após a revolução russa de 1917, o pedagogo e psicólogo Vasili V. Davydov defendia um projeto de escola que ensinasse os/as alunos/as a pensarem sobre os objetos e as questões da realidade de modo dialético (FREITAS & ROSA, 2015). Davydov participou da terceira geração de teóricos russos da teoria histórico-cultural, sendo a primeira geração a de Lev Vygotsky, Alexander Luria, Alexis Leontiev e Serguei Rubinstein; e a segunda, a de Piotr Galperin, Daniil Elkonin, Pyotr Zinchenko, Aleksandr Zaporozhets, entre outros/as. Segundo Davydov (1988), a criação de uma escola realmente moderna, que supere a escola tradicional subserviente ao capitalismo, exige um reexame substancial e a substituição por princípios que respondam aos novos objetivos sociais de todo o sistema completo de educação média obrigatória.

Marta Sforni (2015) detalha os princípios orientadores da proposição das ações pedagógicas com base na teoria histórico-cultural e na teoria do ensino desenvolvimental, para uma educação do futuro que se contraponha aos princípios do que denomina de "pedagogia estancada" ou pedagogia tradicional (pedagogia ocidental dos séculos XIX e XX):

> Princípio do ensino que desenvolve: "[…] orientar-se pelo princípio do ensino desenvolvimental implica considerar que, ao planejar, executar e avaliar o ensino, o norte deve ser o próximo desenvolvimento dos estudantes" (SFORNI, 2015, p. 382);
>
> Princípio do caráter ativo da aprendizagem: "a aprendizagem e a apreensão dos conceitos não podem se dar de maneira mecânica e descontextualizada, mas sim buscando uma unidade entre linguagem e pensamento, ou, dito de outra forma, para que de fato se aprendam conceitos e não apenas palavras ou procedimentos vazios de significado, é necessário que o estudante atue mentalmente com o conceito, participando efetivamente da síntese conceitual" (SFORNI, 2015, p. 385);
>
> Princípio do caráter consciente: "o discente precisa ter consciência dos conceitos que estão sendo trabalhados na aula. Entretanto, o que se observa é que o conteúdo muitas vezes pode ter sido percebido pelo aluno, mas não conscientizado, pois o plano da percepção é amplo, ao passo que o da atenção – objeto da consciência – é estreito, tem foco específico. Se, no aluno, não surge uma atividade mental com o conteúdo central de ensino, a tendência é sua atenção se deslocar para outro conteúdo, normalmente mais estimulante aos sentidos ou mais emocionante" (SFORNI, 2015, p. 388);
>
> Princípio da unidade entre o plano material (ou materializado) e o verbal: "há necessidade de criação de situações problema que sejam desencadeadoras da aprendizagem e de ascensão do abstrato ao concreto que implicam na interação entre o plano material (fenômenos ou objetos), ou representações dele (ilustrações, mapas, filmes, maquetes, etc.), e o plano mental (atuação com as abstrações)" (SFORNI, 2015, p. 389);
>
> Princípio da ação mediada pelo conceito: "no planejamento de ensino cabe prever a contextualização do conceito, não apenas em termos de sua presença na realidade imediata, mas também em termos de seu movimento lógico-histórico de elaboração. Assim, a contextualização não deve ser apresentada aos alunos como uma narrativa histórica, mas deve permear as atividades e ser destinada a inserir os estudantes em situações semelhantes àquelas que gestaram a demanda de elaboração conceitual" (SFORNI, 2015, p. 390).

Baseado na teoria do ensino desenvolvimental e na teoria da atividade de Leontiev, os conteúdos da cultura corporal se constituem nos próprios objetos de estudo da Educação Física, mas considerar apenas a sua forma de apresentação social significa considerar apenas os conhecimentos empíricos relativos aos objetos. É preciso tematizá-los a partir das relações essenciais e das suas múltiplas dimensões, ou seja, enxergar as ações corporais em sua totalidade e nas suas contradições. Assim:

> As atividades da cultura corporal representam, assim, uma determinada estrutura de objetos e motivos, de modos de ação no mundo, com os outros e consigo, que existem independentemente das ações individuais dos sujeitos. Possuem uma existência objetiva para além de nós: existem como uma realidade para o conjunto da humanidade, como uma aquisição e conquista de seu processo histórico de desenvolvimento em relação às ações corporais (NASCIMENTO, 2014, p. 62).

Destarte, o trabalho docente fundamentado nesse entendimento da cultura corporal reconhece o ser humano como autor/a da cultura, ao passo que também usufrui dela, ou seja, as pessoas não nascem com todas as capacidades e as habilidades, mas as constroem e as repassam culturalmente (TAFFAREL, 2016). Portanto, nas aulas de Educação Física não basta apresentar a definição dos objetos da cultura corporal, ou seja, evidenciar o jogo, o esporte, a dança ou outros, porquanto estes já são apresentados de maneira empírica nos diversos contextos sociais. É preciso compreender como esses objetos se concretizam, suas finalidades ao longo da história, as implicações das desigualdades socioeconômicas no usufruto das práticas corporais, as relações essenciais que estabelecem, sejam de criação de uma imagem artística como a dança; do controle da ação do/da outro/a, como os jogos coletivos com bola; ou ainda, do domínio da própria ação corporal (consciente e voluntária) como aquela própria da corrida de rua (NASCIMENTO, 2014).

As tarefas de estudo devem ser realizadas de maneira colaborativa, dialogada e coletiva, engendrando nos/nas discentes uma disposição afetiva quanto ao estudo, visando o envolvimento pleno e ativo nas tarefas de estudo propostas (DIAS JÚNIOR & ROSA, 2022).

Em vista dos objetivos e finalidades atribuídos ao NEM e o atual contexto neoliberal da etapa, bem como do papel da Educação Física para a compreensão crítica de uma realidade dialética, podemos afirmar que para além do conhecimento e da experiência das práticas corporais, a atuação docente precisa superar o modelo biologista e empírico, posto que os/as alunos/as precisam compreender a cultura corporal como parte de uma totalidade envolta no contexto social em que se inserem, desvelando, propondo reflexões e problematizações acerca da forma com que esses objetos se apresentam socialmente e podem ser usufruídos por diferentes sujeitos/as, nos mais distintos contextos sociais, econômicos e culturais de modo lúdico, crítico e emancipado. Assim, é preciso superar o senso comum e midiático (ascendendo do conhecimento empírico para o conhecimento científico/teórico) e intervir como sujeitos/as atuantes sobre as atividades corporais, não apenas reproduzindo-as, mas ressignificando-as.

Tematização do atletismo e da corrida de rua na escola

Sob a ótica da didática desenvolvimental e do materialismo dialético[1], podemos afirmar que o atletismo é constituído por múltiplas ações corporais ou atividades orientadas para determinadas finalidades, em função de motivos, necessidades e desejos que, em cada momento histórico, têm sentidos e significados diversos. Assim, o atletismo como fenômeno esportivo não surge espontaneamente, mas enquanto produto da sociedade capitalista, atendendo a uma necessidade social do próprio modo de produção capitalista. E compreendê-lo a partir dessas bases é compreender e desvelar sua essência em uma perspectiva social e histórica, superando a mera aparência empírica, bem como elucidar as determinações sociais que o delimitam, pois

> no ensino desenvolvimental de educação física, a assimilação ativa dos conceitos científicos que englobam os objetos de conhecimento da cultura corporal está dialeticamente unida à internalização dos signos da cultura corporal e da realização dos movimentos corporais. Compreender essa dinâmica é de fundamental importância para a elaboração de objetos de estudo nesta disciplina (DIAS JÚNIOR & ROSA, 2022, p. 210).

Neste contexto, o atletismo é considerado um esporte de base e sua prática inclui movimentos naturais do ser humano como correr, saltar e lançar, ou seja, movimentos fundamentais às demais práticas corporais, utilizando valências físicas como força, resistência, flexibilidade, velocidade, impulsão e agilidade (PIANEZZER, 2016). Ao se adotarem as valências físicas com intencionalidade e consciência da realização atribuída a finalidades e motivos, essas se caracterizam como próprias do ser humano e se instituem como princípio básico do desenvolvimento da técnica. Sobre esse caráter consciente implicado nas atividades humanas, cuja representação maior é o próprio trabalho, Leontiev afirma que a "passagem à consciência é o início de uma etapa superior do desenvolvimento psíquico" (LEONTIEV, 2004, p. 75).

Portanto, não existe atividade sem necessidade ou motivo, e uma ação não pode nascer da separação entre o objeto da atividade e do motivo que a compõem, sendo essa ação possível no seio de um processo coletivo que age sobre a natureza, processo decorrente da origem humana no planeta. Observamos um afastamento histórico do atletismo como conteúdo da Educação Física escolar. Alguns estudos buscaram levantar os fatores que contribuem para essa egressão, entre os quais foram citados a falta de materiais pedagógicos e de espaços apropriados, a hegemonia nos esportes coletivos ou a rejeição por parte de discentes (BERBER & FOGAÇA JÚNIOR, 2016). Apesar da identificação de alguns avanços com relação à abordagem do atletismo nas aulas de Educação Física, essa ação corporal ainda é subutilizada, e seu potencial educativo se esvai no processo de ensino-aprendizagem (CARDOSO & RONSANI, 2018). Com as políticas educacionais neoliberais empreendidas após 2017 no NEM, o tema pode ser ainda mais marginalizado,

dada à redução da carga horária da disciplina, em detrimento do rearranjo curricular para oferta dos itinerários formativos.

Maria Cecília Oliveira (2006) afirma que, ao se abordar o atletismo escolar, não interessam somente alunos/as rápidos/as, habilidosos/as, resistentes e fortes, mas o estímulo à participação para a formação de sujeitos/as capazes de entender e gozar criticamente dessa manifestação da cultura corporal, reconhecendo-a como uma prática sociocultural rica. Entre os objetos do atletismo, a corrida de rua vem se popularizando nos últimos anos, principalmente por ser um esporte de baixo custo e acessível. Os seus diversos praticantes apresentam vários objetivos que vão desde alterações à saúde orgânica, melhora de aspectos estéticos, convivência social, controle do estresse, bem como o exercício da competição (FURLAN, 2014). A partir da compreensão da teoria da atividade de Leontiev[2] e do ensino desenvolvimental, destacamos que os motivos atrelados à corrida de rua se consolidam como "motivos apenas compreendidos ou compreensíveis" e "motivos que agem realmente ou efetivos", em que os primeiros podem se alterar em motivos efetivos de acordo com as condições disponíveis, proporcionando a geração de novos motivos e, consequentemente, novas atividades (LEONTIEV, 2004, p.318). Nesse caso, os motivos compreendidos se consolidam pelos benefícios orgânicos à saúde ou ao controle do estresse, mas os motivos efetivos podem se dar pelo prazer e bem-estar vindos da prática, pela convivência social e até mesmo pela busca dos resultados estéticos.

Assim, a corrida de rua já é mais do que uma modalidade de exercício, é um fenômeno esportivo que movimenta capital e, portanto, tem um mercado consumidor em crescente desenvolvimento. Podemos destacar esse mercado tanto pela realização dos grandes eventos que reúnem corredores/as quanto pelo fomento ao uso de materiais esportivos e tecnológicos, como produtos promotores de um 'melhor desempenho'.

As tensões e contradições no uso, evolução e significados da corrida de rua precisam ser desvelados diante de seus potenciais benefícios e malefícios, para que não tenhamos visões parciais ou 'romantizadas' sobre esse fenômeno esportivo e não sejamos ingênuos/as ao pensar que essa prática corporal não está a serviço de uma indústria que gera necessidades de consumo e de estilos de vida, na qual nem todos/as conseguirão ou desejarão estar inseridos/as, além de provocar, em casos extremos, alterações potencialmente negativas à vida das pessoas.

Nesse contexto, a disciplina eletiva de atletismo, pautada no ensino desenvolvimental, visou garantir o usufruto de um conteúdo da cultura corporal clássico da Educação Física, que, frente às recentes reestruturações do NEM, poderia ficar ainda mais marginalizado e esquecido na escola. Sendo assim, a pesquisa objetiva apresentar e discutir os procedimentos de construção coletiva empregados na realização do evento de corrida de rua da escola, ponto de culminância da disciplina. Os procedimentos metodológicos empregados são elucidados a seguir.

Metodologia

Esse estudo possui uma abordagem quanti-qualitativa de natureza descritiva, em que o método de pesquisa se classifica como experimento didático formativo. A pesquisa se desenvolveu em uma escola pública de Ensino Médio, no primeiro semestre de 2023 e contou com a participação de 38 discentes. Os dados referentes às reuniões de planejamento e organização do evento de corrida de rua da escola, as informações referentes ao dia da ação e posterior avaliação foram registrados em um diário de campo, mediante a observação e o registro sistemático do comportamento, da aprendizagem e do desenvolvimento estudantil. O diário de campo consiste no "registro completo e preciso das observações dos fatos concretos, acontecimentos, sentimentos, relações verificadas, experiências pessoais do profissional/investigador, suas reflexões e comentários" (CAMPOS, SILVA & ALBUQUERQUE, 2021, p. 101).

Após o evento, os/as discentes produziram um texto sobre a ação promovida, e oito alunos/as participaram de um grupo focal, que contou com questões referentes à realização do evento esportivo, bem como com a experiência e a percepção de cada estudante sobre a atividade. O grupo focal reúne um conjunto de pessoas selecionadas por pesquisadores/as para discutir e comentar um tema, que é o objeto da pesquisa, a partir da experiência de cada participante (GATTI, 2005).

É preciso destacar que a disciplina de Educação Física continuava compondo o currículo da escola, mas com apenas 1 hora aula/semana, por conta do arranjo curricular empregado pós-reforma do NEM. Portanto, a oferta da eletiva de atletismo foi direcionada para as turmas de 1º e 2º anos, sendo que as turmas do 3º ano não puderam optar pela disciplina, em função da organização do horário escolar. Aqui fazemos uma crítica: nesse formato curricular não é possível contemplar a todos/as, fato que se contrapõe ao que foi defendido na reforma do NEM como avanço, mas que no "chão da escola" não se concretiza, ou seja, o/a discente faz o que a escola consegue oferecer, porém, a oferta nem sempre contempla todos/as os/as sujeitos/as.

Os dados coletados foram apreciados a partir da técnica de análise proposta por Maria Cecília Minayo (2004), que comporta um feixe de relações e pode ser graficamente apresentada por palavras, frases ou resumo, com a finalidade de descobrir os núcleos de sentido da comunicação em virtude da presença, ausência e frequência de um dado. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, cadastrada na Plataforma Brasil com base na resolução n. 510/2016 e aprovada sob o parecer nº 5.987.382.

Resultados e discussões

Os dados relativos a planejamento, organização e realização da corrida escolar são focalizados neste tópico, em que procedimentos e verbalizações discentes são elucidados e discutidos. A ação gerou um produto educacional (cartilha) que se encontra disponível[3] e fornece guias para a construção de um evento de corrida de rua, para auxiliar o/a professor/a de Educação Física na diversificação do trato didático-pedagógico do tema, pautado na autonomia, no protagonismo juvenil, na participação democrática e na integração com a comunidade, com vistas não apenas a usufruir da cultura corporal, mas também da possibilidade de transformar e ressignificar a prática.

Pensando e planejando a corrida de rua da escola

Para o planejamento e a elaboração do evento escolar, então em sua sexta edição, foi utilizado como referência o regulamento da edição anterior. Em conjunto com os/as discentes, discutiram-se os pontos integrantes do regulamento propuseram-se melhorias e modificações. Cada participante leu um pouco das normas da corrida e, conforme a necessidade, faziam-se pausas nos pontos mais críticos e se debatiam as alterações. Os/As alunos/as fizeram alguns questionamentos relativos a *horário da corrida* (alguns/umas alegaram que às oito horas da manhã seria muito quente, porém, por conta da disponibilidade de transporte escolar, o horário assim permaneceu); *inscrições* (definição de prazos, estratégias de divulgação na escola e nas redes sociais, para que a comunidade soubesse e participasse do evento); *categorias e premiações* (destinadas a alunos/as, comunidade, professores/as e funcionários/as da escola); *definição e análise do percurso da corrida* (os/as alunos/as puderam identificar os pontos de maior atenção, exigindo a presença de um/uma discente para orientar os/as participantes, bem como os melhores pontos para a hidratação); e *design das medalhas* (foi proposto um concurso em que todos/as os/as alunos/as da escola puderam sugerir uma arte para as medalhas).

Em virtude de contexto, natureza e intencionalidades do evento, bem como a base teórico-metodológica do trabalho, optamos por diversificar a premiação, ofertando a todos/as uma medalha de participação do evento, independentemente da colocação, conforme destaca a verbalização de estudante 32, adiante relacionada. Buscamos também contemplar distintas categorias de maneira representativa (alunos e alunas; professores/as e funcionários/as; comunidade), na qual a premiação teve um papel inicial de motivo efetivo para a participação discente, ainda que esses/as compreendessem outros ensejos para participar, como o lazer, o divertimento e a reunião com pares em um evento escolar. Isso fica evidente nas verbalizações abaixo:

> Estudante 7: "*Ahh! Quer dizer que a premiação é só para os cinco primeiros? Então nem vou porque não tenho chance, o pessoal que vem corre muito*" (2023).
>
> Estudante 27: "*Não mahh* (sic). *Os alunos só vão concorrer com os alunos e o pessoal que é de fora só vai concorrer entre eles*" (2023).
>
> Estudante 32: "*E também todo mundo ganha medalha*" (2023).
>
> Professora: "*O que vocês acham desse sistema de premiação?*" (2023).
>
> Estudante 18: "*Eu acho bom porque dá chance pra quem não tem muita experiência*" (2023).

Salienta-se que a categoria dos/das professores/as e funcionários/as da escola foi inserida por sugestão discente, ficando acordada a premiação com troféus até o 2º lugar para essa categoria, demonstrando a preocupação em relação a outros grupos. A premiação das categorias discentes e comunidade contou com um troféu para os/as cinco primeiros/as.

Sobre essa questão, Leontiev (2004) faz uma distinção entre motivos geradores de sentido (motivos realmente eficazes) e motivos-estímulos (motivos apenas compreensíveis): os primeiros conferem um sentido pessoal à atividade, caso em que a premiação pode se acomodar. Na atividade gerada por um motivo desse tipo, há uma relação consciente entre os motivos da atividade e os fins das ações. Os motivos-estímulos, diferentemente, têm função sinalizadora, não geram sentido e assumem o papel de fatores impulsionadores – positivos ou negativos – da atividade, sendo motivos externos à atividade do/da sujeito/a.

A premiação de todos/as com a medalha contribuiu, em nosso entendimento, para o estímulo a participação, envolvimento e satisfação discente, direcionando à superação da competitividade exacerbada, migrando para uma busca pessoal de melhoria do próprio desempenho e da participação coletiva em um evento escolar. Logo, ainda que a premiação com troféus para os/as primeiros/as colocados/as da prova tenha permanecido nas categorias alunos/as, professores/as, funcionários/as e comunidade, ela colaborou para despertar o interesse inicial de alguns/umas e, conforme o projeto se consolide, aos poucos poderemos nos dissociar da lógica competitiva, que ainda é reproduzida de maneira hegemônica nas várias instâncias sociais.

Na atividade de construção coletiva do regulamento da corrida escolar notou-se o engajamento dos/das discentes na discussão e proposição da tarefa; durante tais momentos ocorreu o processo de abstração, análise e reflexão acerca do objeto que se se construía.

O processo de construção da corrida de rua

A criação do evento se deu pelo acompanhamento das atividades, atribuição de papéis a discentes, bem como pelo reconhecimento do percurso da corrida (dois treinos). Participaram os/as alunos/as da escola, funcionários/as e pessoas da comunidade interessadas no percurso antes da prova, bem como os/as alunos/as da organização do

evento, responsáveis por tarefas como: orientação do trajeto aos/às participantes, registro de fotos e vídeos dos momentos da corrida, entrega de medalhas e de água (no percurso e na chegada), auxílio na apuração dos resultados, controle de som com músicas e apresentações musicais, entre outras atividades.

O primeiro reconhecimento foi iniciado com os/as discentes em círculo no pátio da escola, e o percurso da corrida foi relembrado. Constatou-se que alguns/umas alunos/as já sabiam ou tinham ao menos uma ideia do percurso. Formaram-se três grupos/pelotões de acordo com seus ritmos, sendo que cada pelotão saiu com diferença de 10 min para o seguinte. O primeiro foi composto por alunos/as que iriam caminhando; o segundo pelotão foi formado pelos/as alunos/as que alternariam corrida e caminhada; o terceiro pelotão, por sua vez, compunha-se por discentes que tentariam realizar o percurso correndo. Certificou-se que em todos os grupos houvesse ao menos dois/duas integrantes que conhecessem o percurso e os pontos de curva, pois em caso de dúvidas, poderiam auxiliar os/as demais.

Os/As alunos/as matriculados/as na disciplina de atletismo escolheram seus grupos (1, 2 ou 3) com base em uma aula na qual andaram e correram por 12 min. Nessa escolha, os/as discentes revelaram o entendimento sobre a corrida de rua voltada à obtenção de uma marca, de acordo com as condições objetivas e meios técnicos disponíveis, a serem compreendidos por cada um/uma no estabelecimento de seus objetivos, expressando o desenvolvimento do movimento corporal consciente, materializado no processo de assimilação dos conceitos e movimentos corporais (DIAS JÚNIOR & ROSA, 2022).

Foram reforçadas também as medidas de segurança: correr sempre pelo acostamento; não ficar sozinho/a em nenhum trajeto do percurso; havendo alguma dificuldade ou cansaço, parar e ir caminhando aos poucos; evitar brincadeiras; e quaisquer dúvidas que tivessem, deveriam esperar pelos/as colegas que viessem atrás. Essa divisão dos pelotões permitiu que os/as últimos/as a largarem fizessem uma espécie de varredura no percurso, garantindo a segurança da atividade.

Antes da largada, a necessidade do aquecimento foi levantada, e o estudante 27, participante da disciplina eletiva de atletismo, explicou: "*Vocês têm de aquecer pra preparar o corpo de vocês. Se não a gente cansa logo*". Portanto, os/as discentes conseguiram elaborar o pensamento teórico em torno do conceito de aquecimento; conforme Adnelson Santos (2023), o pensamento teórico não é desenvolvido espontaneamente como os conceitos espontâneos, sendo preciso criar condições adequadas para o seu desenvolvimento, como a que foi colocada para os/as discentes com o aquecimento.

Por conta da maior extensão do percurso (5 km) e do próprio terreno (asfalto e carroçal), a experiência da corrida poderia se tornar mais dolorosa pela falta dos tênis. Observou-se que alguns/umas discentes buscaram o material com colegas, correram de chinelos ou descalços/as. As questões materiais disponíveis foram discutidas com os/as discentes, de maneira transversalizada, para que compreendessem o impacto que as condições sociais e materiais exercem sobre as práticas corporais, posto que a falta do material

adequado afeta-as diretamente. Somente após a experiência do primeiro reconhecimento é que alguns/umas alunos/as compreenderam a necessidade de atentar a esses detalhes para melhor experiência corporal da corrida de rua. No segundo treino, notamos maior compromisso discente acerca das condições objetivas e das condições técnicas individuais necessárias para criar estratégias que permitissem a melhoria do próprio desempenho, concretizado pela obtenção da própria marca no trajeto.

Vasily Davydov e Aelita Markova (2019) afirmam que o/a aluno/a assimila algo em forma de atividade de estudo (conjunto de ações e tarefas de estudo articuladas entre si) quando experimenta uma necessidade interna e uma motivação para tal assimilação, que aqui se concretizou pela busca de um melhor desempenho na corrida, ou seja, na redução do próprio tempo para realizá-la. Assim, foram realizados dois encontros com os/as discentes participantes da organização, para ajustar os detalhes do evento; eles/elas foram retirados/as de aulas de outras disciplinas com o consentimento dos/das professores/as. Enfatizamos a importância da comunicação e interação com os/as demais docentes da escola.

O dia da corrida

A corrida foi alusiva ao aniversário da escola, que completava 35 anos de existência. Contou com a participação de 101 pessoas correndo, entre elas: 51 discentes (42 meninos e 9 meninas), 14 docentes e funcionários/as e 36 pessoas da comunidade. Essa edição obteve o maior número de participantes e a maior participação de alunos/as, posto que, nas edições anteriores, a presença das pessoas da comunidade era superior ao quantitativo de participantes da escola. Acreditamos que a disciplina eletiva tenha contribuído para esse aumento. Podemos destacar igualmente o aumento na participação dos/das professores/as da escola, provavelmente estimulados/as pelo incentivo dos/das alunos/as da disciplina (essa foi uma das solicitações realizadas nos encontros de planejamento). A tabela 1 expõe o quantitativo de participantes da corrida da escola Antônio Luiz Coelho – ALC, desde sua primeira edição:

Tabela 1: Quantitativo de participantes nas seis edições da corrida do ALC

Participantes Edição	Discentes	Docentes	Comunidade	TOTAL
2016	27	00	51	78
2017	36	03	60	99
2018	28	08	40	76
2019	40	05	46	91
2022	45	06	41	92

Participantes Edição	Discentes	Docentes	Comunidade	TOTAL
2023	51	14	36	101

Fonte: Elaboração própria, 2023.

A seguir, a imagem 1 traz o registro das medalhas produzidas nas edições de 2016 a 2023. As edições de 2020 e 2021 não foram realizadas por causa da pandemia de Covid-19.

Imagem 1: Medalhas da 1ª à 6ª edição da corrida ALC



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Com relação à forma de participação dos/das estudantes da disciplina de atletismo (n=38) na corrida, tivemos 17 discentes correndo e 9 participantes da equipe de organização desenvolvendo atividades antes, durante e após a corrida, como orientação no percurso, registros fotográficos, filmagens, entrega de água, registro da chegada, fiscalização dos pontos críticos do percurso, controle do som e outras demandas surgidas durante o evento.

Um total de 12 estudantes não compareceram, por conta do transporte – no dia da corrida (sábado letivo), este acabou não sendo ofertado, aspecto que foi um dos determinantes do horário no planejamento, pois os/as estudantes tinham de locomover-se até a escola de maneira independente; a falta de tênis para participarem da corrida (verificamos 3 alunos/as nessa situação, pois haviam se inscrito, mas não conseguiram o calçado emprestado e não comunicaram antecipadamente o fato, por constrangimento). Foi o caso do estudante 10, que esteve presente nos dois treinos e, ao ser indagado sobre o não comparecimento, afirmou: "*Tia, eu só consegui um tênis, e o meu irmão queria vir também,*

aí eu deixei pra ele vir" (2023). Outros/as estudantes alegaram compromissos pessoais no sábado, aos quais não puderam faltar (cursos, cuidar dos irmãos em casa, doença). Apesar de esses/as alunos/as não terem participado, ajudaram no planejamento da corrida, dos treinos, preparativos e organização dos materiais.

Fica explícito como as condições socioeconômicas afetam o usufruto das atividades corporais, posto que chegaram a inviabilizar a vivência dos/das discentes. Segundo Allan Knuth e Priscilla Antunes (2021), o acesso às práticas corporais não é mera escolha do/da sujeito/a, mas é geralmente uma prática disponível à pequena parcela de uma população privilegiada. Isso revela desafios sociais para criar condições de vida dignas, reduzir as desigualdades e fortalecer as ações que garantam o direito de todas as pessoas desfrutarem das práticas corporais equanimemente. O avanço do neoliberalismo, o acirramento das contradições do capital e da desigualdade social complexificam o gozo das atividades corporais pela classe trabalhadora e, consequentemente, o de seus/suas filhos/as.

Apesar de não termos como propósitos o alto rendimento esportivo dos/das alunos/as e o foco estrito na competição, verificou-se que os/as discentes da disciplina obtiveram um bom desempenho na corrida da escola, revelando indícios da compreensão dos conceitos científicos relativos à corrida de rua, que implicaram diretamente no desenvolvimento da prática corporal, a saber, 1º e 2º colocados/as na categoria *Alunos e Alunas* eram discentes que cursaram a disciplina eletiva. Foi possível observar, por meio dos vídeos realizados pelos/as discentes que estavam na organização, que no primeiro quilômetro da prova, o estudante 27 – primeiro colocado entre estudantes – estava atrás de muitos/as outros/as alunos/as que largaram em um ritmo muito forte e, posteriormente, não conseguiram mantê-lo. O estudante 27 foi o 9º colocado a chegar na corrida, considerando a classificação geral de todos/as os/as participantes; após a chegada de alguns/umas participantes da comunidade, o estudante 17 também chegou. Esse resultado específico nos possibilita inferir que os/as discentes compreenderam as estratégias técnico-táticas a serem adotadas nas corridas de resistência para a obtenção de uma melhor marca na corrida de rua, conforme preconiza Carolina Nascimento (2014), superando o fator da competitividade e a ansiedade inicial para largar na frente dos/das demais, fato ocorrido com outros/as discentes. Esses/as alunos/as buscaram se concentrar no próprio desempenho, adotando a estratégia de largar em ritmo mais moderado e aumentá-lo progressivamente no decorrer da corrida. Isso foi declarado nas falas dos/das discentes transcritas a partir da realização do grupo focal. Ao ser indagado sobre qual estratégia utilizou ao longo da corrida, o estudante 27 respondeu: "*Não começar com um ritmo muito avançado. Esperar... A minha respiração... Controlar, e também, encaixar no ritmo. Aí quando encaixou, eu consegui ir*" (2023).

A seguir temos algumas fotos dos momentos em que os/as discentes, comunidade, professores/as e funcionários/as da escola receberam suas premiações.

Imagem 2: Quadro de fotos dos/das primeiros/as colocados/as nas categorias discentes e comunidade



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

No encontro posterior ao evento, indagamos os/as discentes sobre como foi a corrida para eles/elas, em seguida mostramos um vídeo breve com alguns momentos e fotos da corrida. Alguns/umas discentes que não vieram ficaram bem curiosos/as e, enquanto os/as demais alunos/as realizavam suas produções textuais, olhavam as fotos e os vídeos com diferentes momentos da corrida. Foi possível ouvir comentários, como o da estudante 22: "*Não deu pra vir porque tive de ficar com meu irmão*"; do estudante 01: "*Não pude vir porque não tinha transporte*" (2023), como relatado anteriormente. Os aspectos impeditivos de participação discente no evento foram tematizados, de modo transversal, durante a socialização na atividade de leitura dos textos, em que se explicitaram os aspectos econômicos que afetam contundentemente o acesso e a experiência das atividades corporais, já que a classe social é uma determinação importante. Após a exibição do vídeo, solicitou-se aos/às discentes a produção de um texto sobre sua percepção da corrida e sobre a própria participação no evento; posteriormente, os textos foram lidos para os/as demais.

A partir de trechos das produções de alunos/as que participaram correndo, elucida-se:

> Estudante 3: "*Eu gostei muito dessa corrida. Achei incrível a experiência de fazer esse percurso. Pensei que não iria conseguir, mas com esforço consegui. Saí na velocidade normal e no percurso fui caminhando e correndo e fui passando de algumas pessoas de fora e vim com alguns professores e assim fui indo*" (2023).

> Estudante 11: "*Achei muito bom! Todo o tempo era uma luta contra mim mesmo... no final da corrida já estava perto de casa e chegando na rua, vi pessoas torcendo por mim, me encorajando a seguir em frente, mas infelizmente, não pude fazer muita coisa, não senti que fui bem, mas fiz o que pude e isso me motiva para o ano que vem. Gostei bastante do percurso, encontrei muitos amigos durante o percurso e cada um passando por uma luta contra si mesmo*" (2023).
>
> Estudante 12: "*Eu gostei muito da corrida, foi muito legal. Gostaria de correr de novo. Gostei de conhecer novas pessoas. Uma pessoa me deu uma instrução que melhorou meu desempenho. Comecei a passar na frente de várias alunas e veteranos. Não tenho do que reclamar*" (2023).
>
> Estudante 23: "*Eu achei muito bom correr e as pessoas da organização eles me ajudaram muito e o que me chamou a atenção é que todo mundo correu do seu jeito. Só não gostei de ficar no sol, mas eu corri muito*" (2023).
>
> Estudante 26: "*Achei interessante o fato de ter as categorias separadas... me chamou a atenção o percurso que tem uma parte com pista e outra com terra, no geral gostei bastante do evento*" (2023).
>
> Estudante 27: "*Minha experiência e opinião sobre a VI Corrida é muito positiva, onde foi um evento que movimentou muitos alunos, sendo importante para a escola. Meu sentimento na corrida foi da maior felicidade e honra, onde consegui levar o primeiro lugar e o prêmio que consegui ganhar (bola de futsal) dei de presente para meu amigo que não pode correr por conta de uma lesão no joelho*" (2023).
>
> Estudante 35: "*Bem... eu não gostei muito porque não dei meu melhor... foi um percurso interessante. Eu 'morri' na igreja, eu fiz uma largada muito brusca por isso não consegui completar o meu objetivo, mas pelo menos eu conclui*" (2023).

A seguir, alguns trechos dos textos produzidos pelos/as discentes que estavam na organização da corrida:

> Estudante 7: "*Eu achei a corrida muito legal... veio gente de fora e tal. Eu participei como ajudante e fiquei esperando até o último participante da corrida. Dei água a algumas pessoas, fiquei na sombra tomando café porque era perto da minha avó. Acho também que precisa melhorar os pontos de água e mais treinamento para os participantes*" (2023).
>
> Estudante 21: "*Eu gostei muito de ficar na organização e fiquei na entrega de água. Gostei muito e acho que nada precisa melhorar…*" (2023).
>
> Estudante 32: "*Achei a corrida muito legal, algo novo para mim. Foi muito interessante tudo que aconteceu, foi muito legal ver todos os corredores profissionais. Gostei muito da vitória de um colega (aluno 27) chegando em 9º lugar em top 10, fiquei feliz por sua conquista e sua vitória em 1º lugar dos alunos*" (2023).

Ao analisarmos esses textos, podemos inferir que os/as estudantes operaram mentalmente com um conceito da corrida que traz na sua relação essencial o entendimento de uma atividade voltada para o domínio da própria ação corporal, com finalidade de obtenção de uma marca, o que é próprio dos/das sujeitos/as. Isso fica perceptível nas falas dos/das discentes 11, 23 e 35, em que estudante 11 descreve seu processo interno e seus pensamentos: "*Era todo tempo uma luta contra mim mesmo*" (2023), revelando, portanto, esse

controle da própria ação corporal, não parando, com vistas a concluir a corrida. Estudante 23, por sua vez, destaca que lhe chamou atenção a percepção de que: "*Todo mundo correu do seu jeito*" (2023). e, ao avaliar seu próprio desempenho, acredita que "*correu muito*" (2023), ou seja, fez uma análise da própria ação corporal a partir da observação da ação de outros/as participantes da corrida, aspecto importante na teoria histórico-cultural. Por último, estudante 33, ao avaliar o próprio desempenho, afirmou não ter gostado muito, justificando isso com uma reflexão sobre o que teria feito de equivocado: "*Eu fiz uma largada muito brusca, por isso não consegui completar o percurso*" (2023). Os/As discentes refletiram sobre suas ações corporais expressando a relação essencial que caracteriza a corrida, aspecto primordial ao se dialogar com a perspectiva do ensino desenvolvimental e os objetos de conhecimento da Educação Física, como defendido por Nascimento (2014).

Podemos destacar outros conceitos científicos tematizados em aula, que permitiram a caracterização e a compreensão da corrida de rua como fenômeno sociocultural envolto em múltiplas determinações. A verbalização de estudante 12 explicita o caráter de interação entre sujeitos/as que nem se conhecem, mas que se solidarizam e permitem a troca de experiência e saberes. Destacamos a fala do estudante 27 (primeiro colocado entre discentes), que doou seu prêmio (bola) para um colega que não correu por causa de uma lesão no joelho. Destacamos também a solidariedade e a admiração na fala de estudante 32, que fez os registros fotográficos da corrida, ao expressar alegria pela conquista de um colega.

Constatou-se que os/as discentes entenderam a corrida de rua em uma totalidade para além da competição, em que a abordagem dos conceitos científicos permitiu a compreensão dessa prática corporal enquanto fenômeno multifatorial e envolto em distintos e interrelacionados aspectos da omnilateralidade. Inferimos que os/as discentes operaram mentalmente com os conceitos relativos à corrida de rua, possibilitando a elaboração do pensamento teórico acerca da modalidade.

Considerações finais

A partir da análise e da discussão dos dados referentes a planejamento, construção, realização e avaliação da corrida da escola, considera-se que o evento proposto foi exitoso, tanto para os/as discentes corredores/as quanto para os/as alunos/as organizadores/as. Com relação às melhorias, os/as discentes ressaltaram os pontos de hidratação no percurso, a realização de mais treinos e o horário do evento.

O estudo demonstrou que é possível abordar a corrida de rua na escola numa perspectiva de integração entre alunos/as, professores/as, comunidade, gestores/as, funcionários/as, enfim, todos/as que compõem a comunidade escolar. Além disso, a tematização do atletismo e da corrida de rua, buscando a superação da mera competitividade ou

simples memorização, possibilita o entendimento e a operacionalização de conceitos científicos, a fim de que a compreensão da corrida de rua em uma totalidade esteja alinhada a diferentes finalidades no contexto social.

Nesse ínterim, entendemos que a ressignificação dos sentidos e significados atribuídos ao esporte, nesse caso à corrida de rua no âmbito escolar, possam realmente se concretizar na direção de uma abordagem crítica, criativa, reflexiva, visando a formação humana integral do/da sujeito/a, alicerçada nos conhecimentos elaborados socialmente acerca dos objetos da cultura corporal.

Recebido em: 08/04/2024; Aprovado em: 11/03/2025.

Notas

1 O materialismo dialético consiste em um método de investigação, interpretação e análise da realidade proposto por Karl Marx e Friederich Engels. Segundo José Paulo Netto (2001), nesse método é preciso começar pelo real que se constitui da concretude, da materialidade que se apresenta de maneira caótica, confusa e que aparecem como dados. A partir da análise, um e outros elementos são abstraídos e, progressivamente, com o avanço da análise, chega-se a conceitos que remetem a "determinações mais simples". Somente depois de alcançar tais "determinações mais simples", teríamos que voltar a fazer a viagem de modo inverso, até encontrar novamente o real, mas dessa vez não como representação caótica de um todo e sim como uma rica totalidade de determinações diversas. Assim, passa-se do abstrato ao concreto, da aparência à essência, do simples ao complexo, da parte ao todo, para compreender o objeto a partir das categorias que exprimem as formas de ser, as suas determinações em uma sociedade determinada (NETTO, 2001, p.43).

2 A *teoria da atividade* de Leontiev preconiza que a atividade ou ação é a unidade basilar para se entender o comportamento humano, posto que a atividade humana é sempre direcionada a um objetivo, que, por sua vez, dá significado a ação. Assim, na práxis pedagógica, Leontiev (2004) destaca que as tarefas de estudo devem ter como ponto de partida a geração de necessidades e motivos para a concretização dos objetivos da tarefa proposta, pois esses direcionam a ação discente.

3 Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1bx2fQkwH3ujIjw5xABQmAyFP2iir-hek/view?usp=sharing>.

Referências

ADORNO, Theodor Wiesengrund. *Educação e Emancipação.* 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

BERBER, Cláudia & FOGAÇA JÚNIOR, Orlando Mendes. O ensino do atletismo na disciplina de educação física: desafios e possibilidades. *In:* PARANÁ. *Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE*. Paraná: Governo do Estado do Paraná, 2016. Disponível em: <https://acervodigital.educacao.pr.gov.br/pages/download.php?direct=1&noattach=true&ref=47463&ext=pdf>. Acesso em: 05 set. 2023.

CAMPOS, Juliana Loureiro de Almeida; SILVA, Taline Cristina Silva & ALBUQUERQUE, Ulisses Paulino de. Observação participante e diário de campo: quando utilizar e como analisar. In*:* ALBUQUERQUE, Ulisses Paulino de *et al*. (Eds.). *Método de Pesquisa qualitativa para Etnobiologia*. Recife: NUPEEA, 2021.

CARDOSO, Ana Lucia & RONSANI, Larissa Rosso. A prática pedagógica do atletismo na educação física escolar. *Revista Kinesis*, Santa Maria v. 36, n. 3, p. 102–114, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/33453/pdf>. Acesso em: 01 ago. 2023.

CIAVATTA, Maria. A reforma do ensino médio: uma leitura crítica da Lei n. 13.415/2017 – adaptação ou resistência? *HOLOS*, v. 4, p. 207–222, 2018. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/7152>. Acesso em: 01 de mar. 2025.

DAVYDOV, Vassíli Vassilievitch. *La enseñanza escolar y el desarollo psíquico*: investigacion teórica y experimental. Tradução Marta Sguare. Moscou: Progresso, 1988.

DAVYDOV, Vassíli & MÁRKOVA, Aelita. A concepção da Atividade de Estudo dos Alunos. In: PUENTES, Roberto Valdés & MELLO, Suely Amaral (org). *Teoria da atividade de estudo – Livro II:* contribuições de pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Uberlândia: EDUFU, 2019.

DEMO, Pedro. *Pesquisa*: princípio científico e educativo. São Paulo: Cortez, 2006.

DIAS JÚNIOR, Marcos Jerônimo & ROSA, Sandra Valéria Limonta. *Educação Física no ensino médio na perspectiva da teoria do ensino desenvolvimental.* Curitiba: Appris, 2022.

DARDOT, Pierre & LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Tradução Mariana Echalar 1. ed. São Paulo, Boitempo, 2016.

FREITAS, Raquel Aparecida Marra da Madeiras & ROSA, Sandra Valéria Limonta. Ensino Desenvolvimental: contribuições à superação do dilema da didática. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 613-627, abr./jun. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/s3DcNCF3bJzjz4L6VKnSmbh/>. Acesso em: 06 out. 2022.

FURLAN, Allan Jacomini. *Fatores Motivacionais Relacionados à Prática de Corrida de Rua por Mulheres Adultas na Cidade de Curitiba/PR*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Departamento Acadêmico de Educação Física. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <http://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/7833/2/CT_COEFI_2014_2_02.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2022.

GATTI, Bernadete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Liber Livro, 2005.

KNUTH, Allan Goulart & ANTUNES, Priscilla de Cesaro. Práticas corporais/atividades físicas demarcadas como privilégio e não escolha: análise à luz das desigualdades brasileiras**.** *Saúde e sociedade*, v. 30, n. 2, p. 1-11, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/CJfPgsKtxtJGcP8HX5kWg9L/?lang=pt>. Acesso em: 01 fev. 2025.

LEONTIEV, Alexis. *O desenvolvimento do psiquismo*. Trad.: Rubens Eduardo Frias. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

LUCCA, Eliana de. A corrida de rua como fator de inserção social. *Revista Educação*, v. 8, n. 1, 2014. Disponível em: <https://revistas.anchieta.br/index.php/revistaeducacao/article/view/957/844>. Acesso em: 04 out. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento*: pesquisa qualitativa em saúde. 13. ed., São Paulo: Hucitec, 2004.

NASCIMENTO, Carolina Pichetti. *A atividade pedagógica da Educação Física a proposição dos objetos de ensino e o desenvolvimento das atividades da cultura corporal*. Tese [Doutorado em Educação] – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

NETTO, José Paulo. *Introdução ao estudo do Método de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

OLIVEIRA, Maria Cecília Mariano de. *Atletismo Escolar:* uma proposta de ensino na educação infantil. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

PEREIRA, Cláudia Simony Mourão. *Reforma do Ensino Médio – Lei 13.415/2017: Avanços ou retrocessos na educação?*. Dissertação [Mestrado] – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2019

PIANEZZER, Lúcia Cristiane Moratelli. *Metodologia do ensino de atletismo.* Uniasselvi, 2016. Disponível em: <https://www.uniasselvi.com.br/extranet/layout/request/trilha/materiais/livro/livro.php?codigo=22173>. Acesso em: 13 set. 2023.

PUENTES, Roberto Valdés. Didática desenvolvimental da atividade: uma aproximação ao sistema Elkonin-Davidov-Repkin (1958-2015) In: PUENTES, Roberto Valdés & MELLO, Suely Amaral (Orgs.). *Teoria da atividade de estudo – Livro II:* contribuições de pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Uberlândia: Edufu, 2019.

SANTOS, Adnelson Araújo dos. O pensamento teórico na Educação Física escolar. *Coleção Estudos e Pesquisas de Egressos e pós-graduandos/as/es do PPGE/FE/UFG*. Goiânia: Cegraf UFG, 2023. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/o_pensamento_teorico_na_educacao_fisica_escolar.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2025.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico crítica:* primeiras aproximações, 11. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SFORNI, Marta Sueli de Faria. Interação entre didática e teoria histórico-cultural. *Educação e realidade*, v. 40, n. 2, p. 375-397, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/Fx3RsNJtkq8QVxzXWCvYg6p/>. Acesso em: 11 set. 2023.

SILVA, Monica Ribeiro da & ARAÚJO, Ronaldo Marcos Lima de. Educação na contramão da democracia: a reforma do ensino médio no Brasil. *Revista Trabalho Necessário*, v. 19, n. 39, p. 6-14, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/50143>. Acesso em 25 fev. 2025.

TAFFAREL, Celi Zulke. Pedagogia histórico-crítica e metodologia de ensino crítico-superadora da Educação Física: nexos e determinações. *Nuances:* Estudos sobre Educação, Presidente Prudente, v. 27, n. 1, p. 5–23, 2016. DOI: 10.14572/nuances.v27i1.3962. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/3962>. Acesso em: 18 out. 2023.